

GESTÃO DA SEGURANÇA CONTRA INCÊNDIO EM EDIFÍCIOS: CASOS DE INCÊNDIOS COM FALHAS DE GESTÃO GRAVES, IDENTIFICAÇÃO E HIERARQUIZAÇÃO

Rui Manuel da Cruz Oliveira
Escola de Tecnologias e Engenharia
Instituto Superior de Educação e Ciências (Portugal)
rui.oliveira@iseclisboa.pt

Introdução

A Gestão da Segurança Contra Incêndio em Edifícios (GSCIE) está no final da cadeia de valor da Segurança Contra Incêndio em Edifícios (SCIE), sendo a sua importância inquestionável, ainda assim pouco explorada face às fases precedentes.

Pretende-se neste estudo sintetizar uma breve revisão bibliográfica feita a nível nacional e internacional, sobre incêndios com elevada severidade ao nível de perda de vidas humanas ocorridos nos últimos 30 anos, em que foram relatadas falhas graves de gestão, exclusivas ou não, identificando-as em termos de severidade e frequência.

Essas falhas graves foram divididas em falhas na prevenção do início do incêndio, falhas nas medidas de controlo do incêndio e falhas no controlo do agravamento dos fatores de risco. No primeiro caso temos a falta de controlo do uso de cigarros ou fósforos, uso de artigos pirotécnicos e trabalhos a quente. No caso da falha das medidas de controlo dos incêndios, foram divididas em: saídas de evacuação obstruídas/bloqueadas, extintores retirados ou que não funcionaram, falta de apoio dos funcionários na resposta à emergência e acesso dos bombeiros bloqueados. No caso das falhas no controlo dos fatores do risco de incêndio, foram divididas em: alterações construtivas não autorizadas, sobrelotação, material combustível ou lixo acumulado.

Objetivos

Identificar e hierarquizar, tanto em termos de frequência como de severidade, as principais falhas de Gestão de SCIE, reportadas na bibliografia que analisa as causas dos incêndios selecionados para este estudo.

Área de Estudo

Segurança Contra Incêndios em Edifícios.

Metodologia

Utilizou-se o método bibliográfico e documental, com recurso a fontes secundárias, para recolha de dados, nomeadamente da localização dos incêndios, da data, das vítimas e das falhas de gestão relatadas. No tratamento dos dados utilizou-se uma abordagem quantitativa, nomeadamente através de estatística descritiva.

Resultados

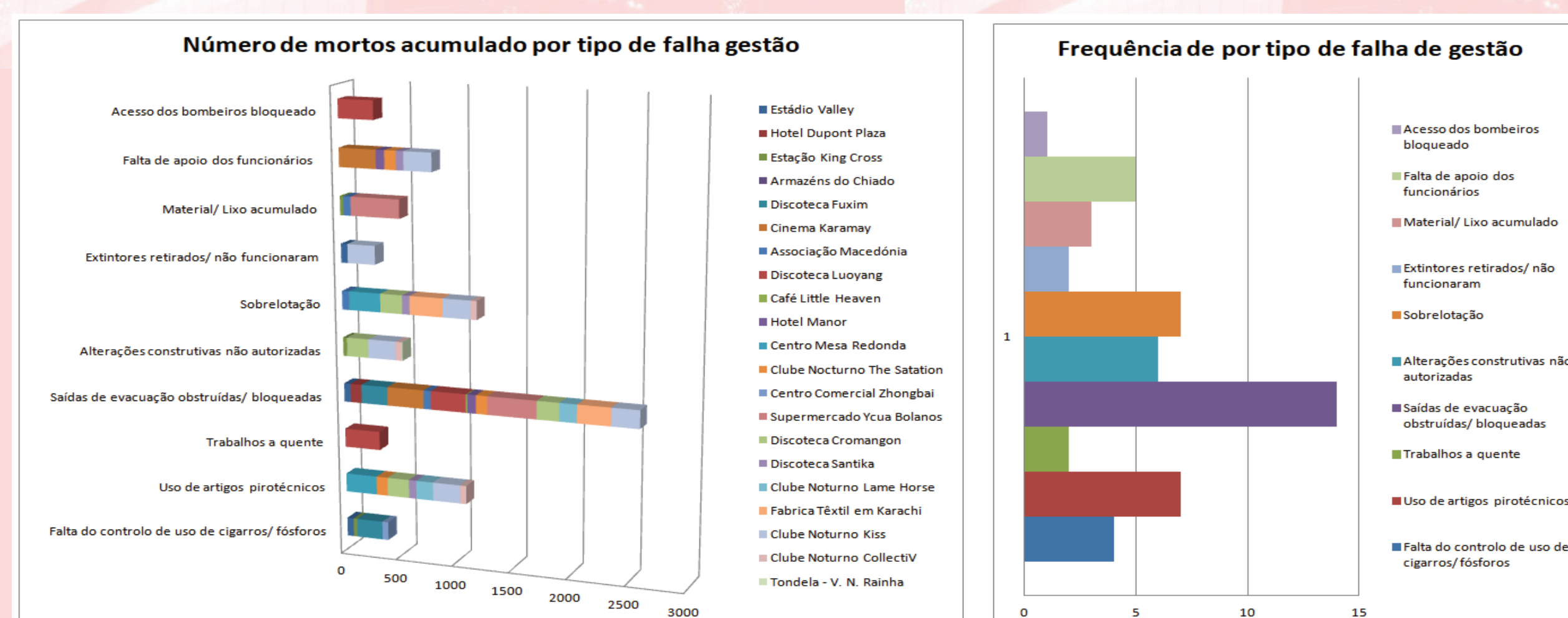


Figura 1 - Número de mortos acumulado por tipo de falha de gestão (elaboração própria)

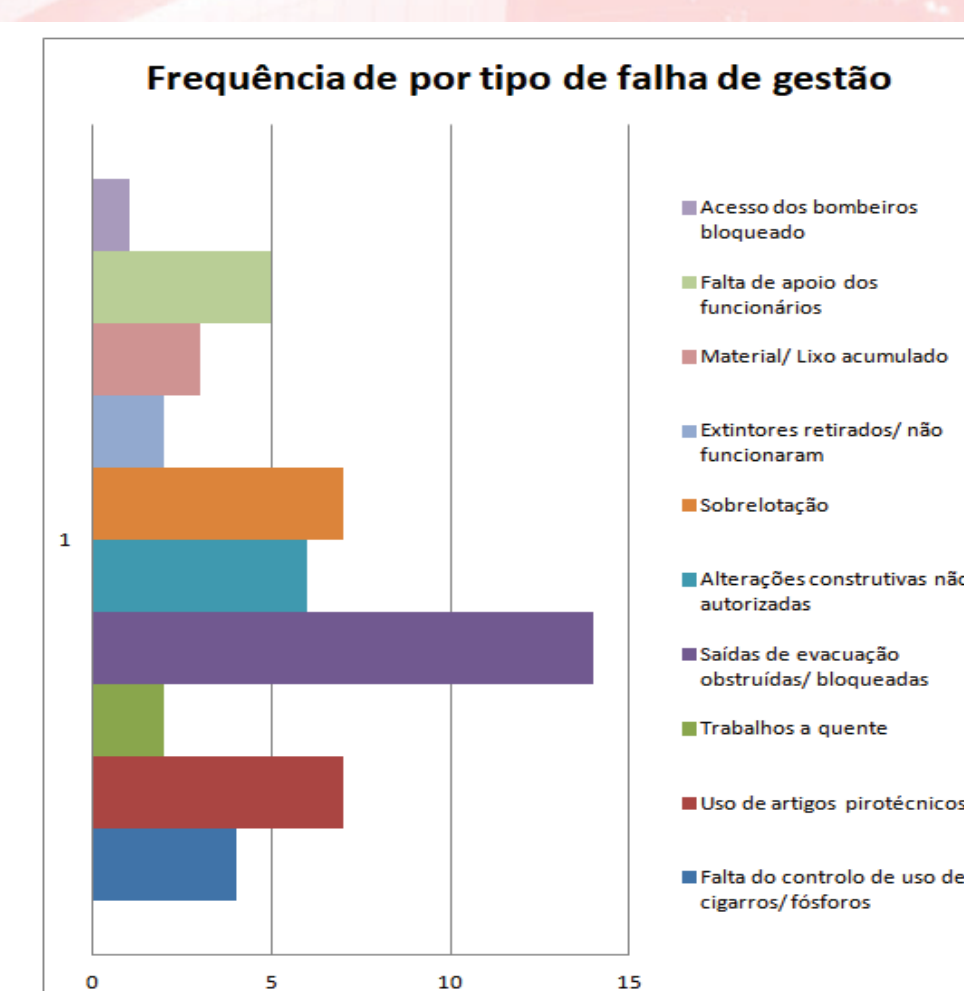


Figura 2 - Frequência por tipo de falha de gestão (elaboração própria)

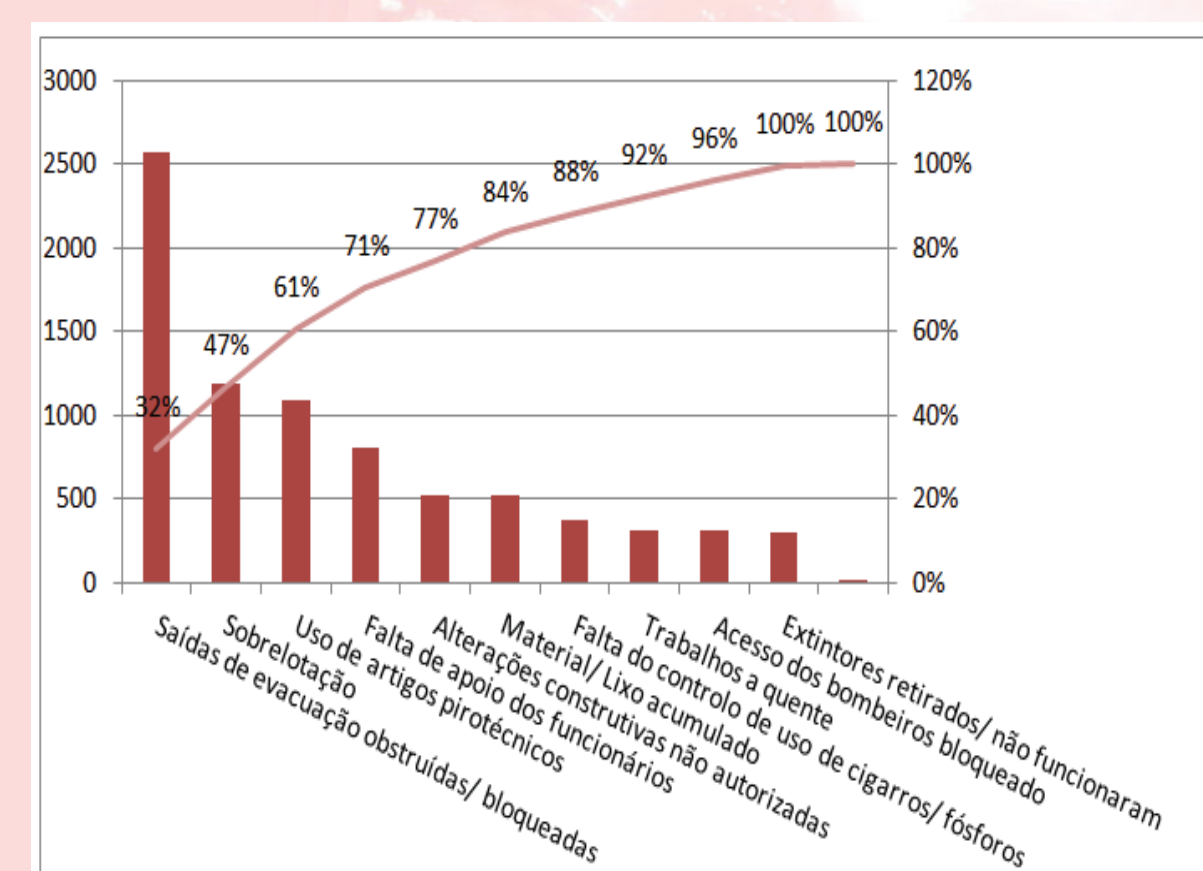


Figura 3 - Gráfico de Pareto - Número de mortos acumulado por tipo de falha de gestão

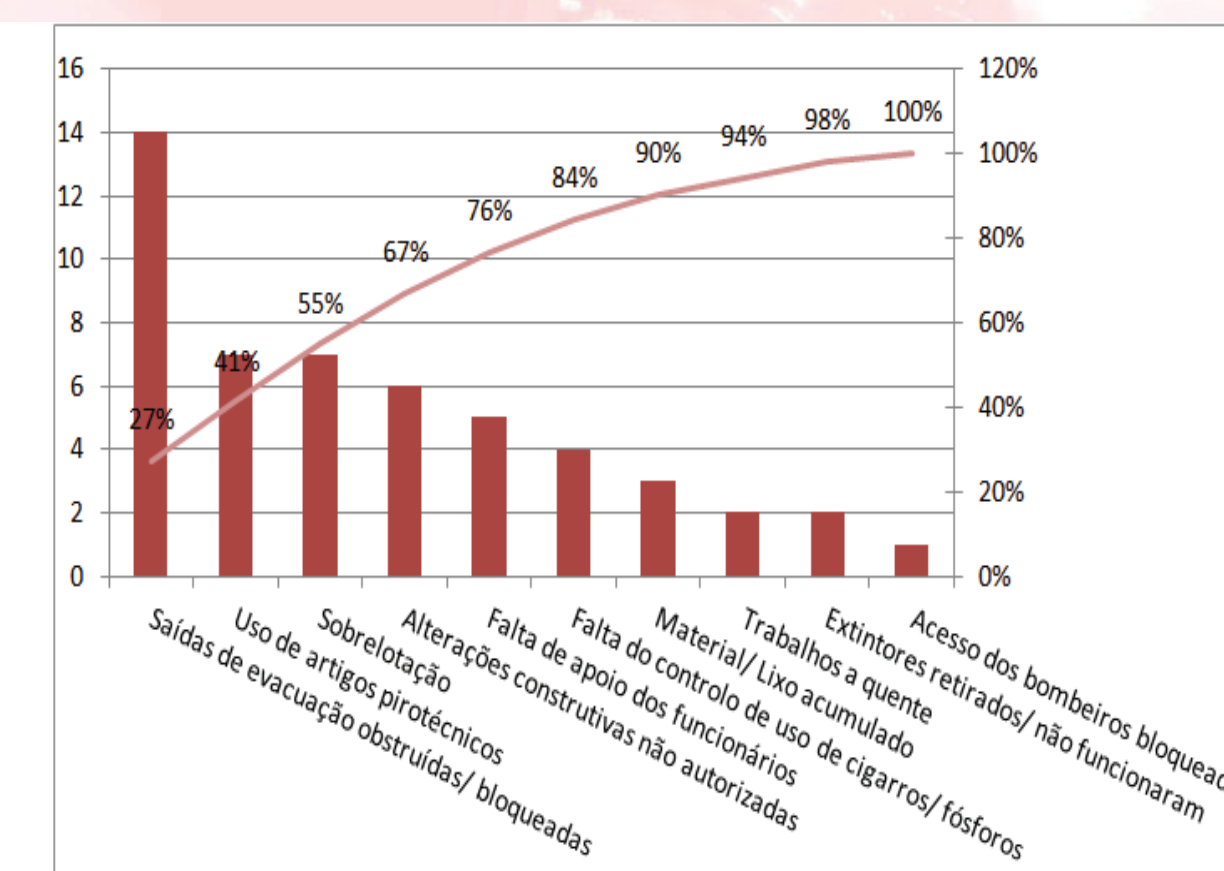


Figura 4 - Gráfico de Pareto - Frequência por tipo de falha de gestão

Discussão

Dos incêndios estudados, tendo por base as falhas de gestão apontadas nas fontes utilizadas, foi feito o gráfico da figura 1, que mostra as mortes acumuladas por tipo de falha de gestão, sendo as mais representativas em termos de severidade por ordem decrescente: saídas de evacuação obstruídas/bloqueadas, sobrelotação, uso de artigos pirotécnicos, falta de apoio dos funcionários na resposta à emergência e alterações construtivas não autorizadas. Das cinco falhas de gestão apontadas, duas são falhas nas medidas de controlo do incêndio, duas são falhas de agravamento dos fatores de risco e outra nas medidas de prevenção do início do incêndio.

Para atender à frequência com que cada tipo de falha de gestão se manifestou nos incêndios estudados, foi elaborado o gráfico da figura 2, que mostra que os tipos de falha de gestão mais frequentes, foram por ordem decrescente: saídas de evacuação obstruídas/ bloqueadas, uso de artigos pirotécnicos, sobrelotação, alterações construtivas não autorizadas e falta de apoio dos funcionários na resposta à emergência. Das cinco falhas de gestão apontadas, duas são falhas nas medidas de controlo do incêndio, duas de agravamento dos fatores de risco e outra nas medidas de prevenção do início do incêndio.

Conclusão

Esta informação, permite às várias partes interessadas na GSCIE focar a sua atenção nos aspetos mais importantes, nas atividades de prevenção da ocorrência destas falhas, como nas atividades de fiscalização das mesmas, com uma maior orientação para a eficiência. Também pode servir para comunicar de forma simples com as partes interessadas, especialmente com os cidadãos, melhorando a sua cultura de segurança.